Um Relato Autobiográfico Comovente

Um Presente muito Especial

A história de uma família que viveu um milagre de amor.

Joanne Huist Smith

nascente

Índice

Prólogo 11

Capítulo 1 *O Primeiro Dia de Natal* 13
Capítulo 2 *O Segundo Dia de Natal* 27
Capítulo 3 *O Terceiro Dia de Natal* 41
Capítulo 4 *O Quarto Dia de Natal* 57
Capítulo 5 *O Quinto Dia de Natal* 71
Capítulo 6 *O Sexto Dia de Natal* 89
Capítulo 7 *O Sétimo Dia de Natal* 105
Capítulo 8 *O Oitavo Dia de Natal* 121
Capítulo 9 *O Nono Dia de Natal* 139
Capítulo 10 *O Décimo Dia de Natal* 151
Capítulo 11 *O Décimo Primeiro Dia de Natal* 167
Capítulo 12 *O Décimo Segundo Dia de Natal* 181
Capítulo 13 *O Décimo Terceiro Presente* 195

Agradecimentos 205

Prólogo

❄ ❄ ❄

Caros Leitores,

Aprendi a letra da canção *Os Doze Dias de Natal* na infância, no coro da escola, quando a magia da época natalícia ainda me enchia com um sentimento de encantamento e possibilidade, e tinha a ideia de que os sonhos se podem concretizar. Perdizes e pereiras, damas que dançam e senhores que saltam — achava absurdas as palavras da canção. Não sabia nessa altura que a chave para a felicidade se escondia nos seus versos tolos.

Passei a minha vida segurando os cinco anéis dourados: um marido, três crianças saudáveis e uma casa confortável. Foi então que, imediatamente antes do Natal de 1999, o meu querido marido morreu durante a noite, e eu percebi que o meu ouro era frágil como cristal.

Ficámos despedaçados.

Não encontrei alegria ou conforto na aproximação do Natal, apenas memórias que dilaceravam o meu coração, como pedaços partidos de um estimado enfeite de Natal.

Parei de pensar. Até respirar doía. Queria expulsar o Natal das nossas vidas. Mas, então, algo extraordinário aconteceu.

Treze dias antes do Natal, começaram a aparecer presentes à porta da minha casa. Eram apenas pequenos símbolos da época natalícia, normalmente acompanhados por um postal com frases semelhantes à canção de Natal. Cada um deles vinha assinado somente

com *Os vossos verdadeiros amigos*. Inicialmente, resisti à intrusão do Natal no meu desgosto. Porém, lentamente, à medida que os presentes chegavam, o meu coração começou a derreter-se. Os presentes devolveram o sorriso aos meus filhos, puseram-nos a conversar, enquanto tentávamos identificar a origem dos presentes misteriosos. Eles estavam a ensinar-nos a funcionar novamente como uma família.

O meu lado romântico gostaria de acreditar que a minha família foi tocada por um milagre nesse Natal, e, de certa forma, isso é verdade. Contudo, eu sei que o milagre consistiu na forma como um pequeno ato de bondade salvou a minha família e nos reaproximou. Anos volvidos, a magia do Natal ainda é colorida pela luz que esses amigos trouxeram às nossas vidas. Pensar no poderoso impacto que esses presentes anónimos tiveram na minha família mudou a forma como vejo o Natal — não apenas uma desculpa para dar e receber presentes junto daqueles que amo, mas uma altura em que é mais importante do que nunca sair do meu próprio mundo e considerar aqueles que estão à minha volta, abrir o meu coração, estender a mão e empenhar-me. A época natalícia é um momento para regozijar, recordar, refletir sobre o passado e celebrar as nossas memórias. Este livro é sobre encontrar uma forma de honrar aqueles que não podem estar connosco nesta quadra, de criar memórias novas e felizes, de viver esta época de dádiva de uma forma muito especial.

Venham.

Acompanhem-me.

Partilharei convosco a mensagem que mudou a minha família para sempre, a magia conciliadora de um Presente Muito Especial.

Joanne

Capítulo Um

O Primeiro Dia de Natal

❄ ❄ ❄

No dia 13 de dezembro, mesmo antes de amanhecer, a minha filha Megan puxa a minha camisa de dormir.

— Mãe, perdemos o autocarro da escola.

Desorientada e ainda meio adormecida, começo a dar ordens aos meus filhos antes de os meus pés tocarem no chão.

— Lava a cara! Veste-te! Há bananas e barras de cereais para o pequeno-almoço na cozinha. Vou pôr o carro a trabalhar, mas temos de sair em dez minutos!

Megan despacha-se conforme lhe ordeno enquanto acordo os irmãos bem menos cooperantes.

Ao escutar movimento em todos os quartos, tomo um banho de dois minutos, aplico maquilhagem e passo pó de talco no cabelo para lhe conferir volume. Um fato escuro, pendurado na porta da casa de banho, transforma-se no meu traje do dia. A imagem que o espelho reflete não é a melhor, mas pelo menos os meus olhos encarnados e a roupa amarrotada combinam.

— Ai de alguém que se atreva a criticar — digo enquanto aponto para o meu reflexo.

Confirmo que os meus três Smith — Megan, de dez anos, Nick, de doze, e Ben, de dezassete —, estão prontos, resgato da minha mala a chave do carro e atiro quatro casacos para cima do sofá.

— Dois minutos! — grito. — Todos lá para fora.

Rogo em voz baixa por alguns raios de sol quando abro a porta da rua, mas, em vez disso deparo-me com o tempo típico de Bellbrook, Ohio, a menos de duas semanas do Natal: frio, cinzento e molhado. Foi sempre o calor das pessoas, dos nossos vizinhos, da comunidade que nos manteve presos a este subúrbio no sul de Dayton. Porém, neste dezembro, apenas sinto o frio.

Na pressa de pôr o carro a trabalhar, quase tropeço numa poinsétia[1] que está à porta da entrada. Sob a luz do alpendre, brilham gotas de chuva no papel de embrulho, alusivo da quadra.

— Como é que isto veio aqui parar?

Megan espreita à minha volta, e o rosto dela ilumina-se.

— É tão bonita!

É assim a minha Meg: sempre esperançosa, mesmo depois de termos passado por tanto. Gostaria de ser mais parecida com ela, porém, a verdade é que já não tenho dez anos.

— Sim, muito bonita. Onde é que estão os teus irmãos? Chama-os.

— Mãe, de onde é que ela apareceu? Vamos levá-la para dentro.

Fico à porta a observar a chuva fria a bater nas quatro flores cor de sangue. Para mim, levar a planta para dentro de casa é tão apelativo como ir de férias com um cão raivoso e encharcado. Consigo compreender agora o Scrooge[2]. Quero deitar-me hoje à noite e acordar no dia 26 de dezembro. Nada de compras. Nada de cozinhar. Nada de árvore de Natal. Não estou com disposição para criar memórias novas. Aquelas que tenho apenas magoam; não me passa pela cabeça que memórias novas possam ser melhores. Não penso evitar o Natal por completo, apenas minimizar o assunto tanto quanto possível. O Natal

---

[1] Planta de folhas semelhantes a pétalas encarnadas, que envolvem as verdadeiras flores, mais pequenas, também conhecida como flor-de-natal ou estrela-de-natal. [*N. da T.*]

[2] Ebenezer Scrooge — personagem principal do *Conto de Natal* de Charles Dickens, que não gosta do Natal e cujo traço de caráter mais vincado é a avareza, até ser visitado por três fantasmas (fantasma do passado, do presente e do futuro). [*N. da T.*]

é para ser uma festa de família, e na nossa há um vazio maior do que a vida. Uma flor não pode preenchê-lo.

Imagino o meu marido ao lado do armário que ele encheu de prateleiras em dezembro do ano passado. Ao lado dele, o nosso abeto canadiano completamente aparado está numa poça cada vez maior de agulhas de pinheiro.

— Estás a matar a árvore de Natal — repreendo-o enquanto aponto para as evidências que se acumulam no chão. Ele testou a minha teoria com um golpe do cabo do martelo na prateleira do armário. Rodopiaram agulhas, caindo dos ramos.

— Pelo menos, estas prateleiras não vão sair daqui — disse ele. — Nem eu.

Então, porque é que eu estou sozinha?

Procuro por ele nas sombras da casa, entre o momento dos beijos de boa noite e o alarme do despertador pela manhã, embora saiba que ele não está. As minhas costas latejam devido a uma mola partida no sofá, porém, não consigo dormir no andar de cima, na cama que partilhávamos. Nem sequer passo para o lado do sofá onde ele costumava ficar.

O espaço que Rick ocupava está vazio.

Megan precisa do Natal, mas eu não estou preparada para descer à terra da fantasia. O aparecimento desta flor vai de certeza fazer com que ela comece a chatear-me para comprarmos uma árvore de Natal e procurar a coleção de figuras do Pai Natal nos caixotes da cave. Pondero pedir ao Tom, irmão de Rick, e à mulher, Charlotte, para ficarem com as crianças durante as férias, por apenas um ou dois dias. Podia esconder-me dos feriados enquanto eles enchem os miúdos de presentes, peru e pudim. Eles estariam apenas a alguns quilómetros de distância, no caso de ficar carente, mas podia delegar os enfeites de Natal ao Tom e à Char. Convencê-los da ideia não seria fácil. Posso imaginá-los a dizer em coro «nem pensar» e percebo que a minha voz é a que fala mais alto. Não desejo o Natal, mas na verdade quero os meus filhos comigo em casa.

O relógio em cima da lareira badala sete horas da manhã, e eu regresso ao modo «mãe solteira com filhos prestes a chegarem atrasados à escola».

— Meg, não sei de onde apareceu a flor, mas não vou levá-la para dentro de casa. Está molhada e a mistura do vaso parece um deslizamento de terra.

— Mas, Mãe, é uma estrela-de-natal.

Enquanto Megan insiste no seu apelo a favor da planta, Ben sobe as escadas do seu quarto na cave. Eu sei que ele esteve fora de casa até perto das três da manhã, e não sou assim tão tola para acreditar que esteve a estudar. Ele não me dá oportunidade de lhe desejar bom dia ou de o questionar sobre o facto de não ter voltado para casa a horas.

— Não percebo porque é que tenho de ir para a escola. A maior parte dos meus amigos já foi de férias para fora da cidade.

A ideia de ter novamente esta conversa deixa-me cansada. Tenho vontade de voltar para debaixo dos cobertores e de lhe dizer para fazer o mesmo, mas não é opção para nenhum de nós.

— Vai buscar o teu casaco. Já faltaste à escola muitos dias.

Megan interpõe-se entre nós.

— Ben, olha. Vê o que encontrámos à porta de casa.

Não sei bem porquê ou exatamente quando, mas Megan tornou-se a pacificadora da família nos últimos dois meses.

— De onde é que isso veio?

Ben passa por mim para ir buscar a flor. Levanto a mão e impeço-o.

— Calma. — Ben levanta os braços em sinal de rendição, mas os seus olhos avisam-me de que está em preparação uma batalha. Conheço as palavras que o podem acalmar, porém, esta manhã, elas não fazem parte do meu vocabulário.

— Por favor, vai buscar a tua mochila.

Ben desaparece pelas escadas da cave, na mesma altura em que Nick desce três degraus de cada vez, vindo do seu quarto no primeiro andar. Megan introdu-lo no debate sobre a poinsétia.

— A Mãe não quer trazê-la para dentro de casa, mas eu acho que devíamos. Está muito frio na rua para uma flor tão bonita e delicada.

Nick espreita pela porta e perde imediatamente o interesse.

— É melhor não a trazermos para dentro de casa — diz baixinho para Megan. — Pode ser uma bomba disfarçada de flor. Pois. Provavelmente não há problema desde que fique na rua, onde a temperatura é muito baixa, mas se a trouxermos para dentro de casa, onde está quente, *pum*!

Megan dá um salto:

— Mãe!

— Está bem, está bem. Vou trazê-la para dentro.

Fico com várias unhas cheias de terra molhada e deixo um rasto de gotas de água lamacenta ao longo da alcatifa da sala até à cozinha.

— Merda.

— Não digas isso — repreende Megan. — Ei, há mais qualquer coisa.

Megan segue-me em direção à cozinha, transportando um saco de plástico que contém um postal de Natal feito em casa. A mensagem está escrita em pergaminho amarelo, com bordas rasgadas, conferindo-lhe um aspeto antigo. Alguém redigiu a mensagem à mão, com uma letra elegante, e desenhou uma folha de azevinho no canto. O verso é familiar, embora algumas frases sejam diferentes:

No primeiro dia de Natal,
os vossos verdadeiros amigos oferecem-vos
uma Poinsétia para todos vocês.

Megan transforma a mensagem numa canção e começa a dançar pela cozinha. *Bella*, a nossa *husky* siberiana de olhos azuis, começa a uivar em uníssono. Nick agarra no pergaminho.

— Quais amigos? Foi a tia Char? O tio Tom? Alguém da escola? Talvez um professor?

Não tenho uma resposta.

Neste momento, não sinto que tenhamos quaisquer amigos. Pararam as chamadas telefónicas para conversar e planear encontros de fim de semana. Não há postais de Natal na nossa caixa de correio, apenas contas.

Ben aproveita a agitação para anunciar que não vai à escola.

— Dói-me a cabeça. Vou voltar para a cama.

Tenho vontade de o abraçar e de lhe dizer que entendo a sua necessidade de banir das nossas vidas aquela canção e tudo o que se relaciona com os feriados, mas não tenho energia. Em vez disso, penso na voz do pai dele, que se destacava quando cantávamos essa mesma canção, a caminho de uma quinta de cultivo de árvores nos arredores de Yellow Springs.

Em quase vinte anos de casamento, habituara-me às cantorias frequentemente desafinadas de Rick, porém, ainda assim, tinha-me sentido grata pelo facto de as janelas da carrinha estarem fechadas. No ponto de venda das árvores, tínhamos vagueado por entre fileiras de diferentes espécies de pinheiros. Megan suplicou por um de cada. Nick engraçou com um de cinco metros e meio, embora a nossa sala de estar tivesse apenas três metros e meio de altura, do chão ao teto. A única exigência de Ben era que os ramos em baixo ficassem afastados do chão.

— Mais espaço para os presentes — tinha ele explicado.

Tínhamos escolhido juntos a árvore perfeita, a seguir Rick orientou-nos para dentro da carrinha quente, para partilharmos um termo com chocolate quente que eu tinha feito para a ocasião e levado connosco. Sozinho, ele enfrentou temperaturas negativas, desbastando o tronco teimoso com um machado preguiçoso. Usando uma camisa de flanela preta e vermelha, calças de ganga escuras e um gorro de malha, ele parecia um lenhador enquanto arrastava a árvore para dentro da carrinha: forte, saudável e robusto, mas com umas bochechas rosadas adoráveis.

Aquele era o meu homem.

Com um metro e noventa e cinco de altura, cabelo preto ondulado e mãos suficientemente grandes para segurar na sua palma uma criança de

três quilos e meio como se fosse uma piza, Rick, no seu papel de protetor, de provedor da família, revelara-se um «Paizão». Os seus grandes braços estavam sempre à nossa volta.

O relógio da lareira badala novamente, lembrando-me de que estamos atrasados. Entretanto, a poinsétia está a criar uma poça de água suja sobre a bancada, formando uma corrente de água pelo armário da cozinha, em direção ao chão. Agarro no vaso, incluindo papel de embrulho, e atiro-o para dentro do lavatório, salpicando de terra a louça lavada do jantar da noite anterior, que tinha ficado a escorrer.

— Merda. Merda. Merda. Todos para dentro do carro! — gritei.

— Mamã... — irrita-se Megan, batendo com o pé no chão.

— Já sei, já sei. Não devo dizer.

Megan endireita a planta antes de ir buscar a mochila e se dirigir para o carro. Os irmãos e eu seguimo-la. O carro está frio.

Deixo Ben, que continua a resmungar, na escola secundária e navego por entre o tráfego de pais em redor da escola que Nick frequenta.

— Aprende alguma coisa — grito quando ele bate com a porta do carro. Ele continua a andar.

Megan, que está no segundo ciclo, começa as aulas mais tarde do que os irmãos, pelo que ficamos sentadas dentro do carro durante vinte minutos a praticar a soletração de palavras relacionadas com o Natal, claro.

— Enfeite. *E-n-f-e-i-t-e*. Enfeite. Poinsétia. *P-o-i-n-s-é-t-i-a*. Poinsétia. Achas que... será que o pai podia tê-la deixado para nós, mãe? A *p-o-i-n-s-é-t-i-a*.

Ela olha para mim com os seus olhos grandes e escuros como chocolate, iguais aos do pai, mas agora há uma nova ânsia a assombrá-los, algo que não havia há dois meses. Tenho vontade de lhe dizer que o amor dele paira à nossa volta, mas como posso afirmá-lo se não tenho a certeza de que isso seja verdade? Minto? É mais fácil limitar-me a temas seguros, como a escola, o basquetebol e os escuteiros.

Ela precisa de garantia da minha parte de que vamos ficar bem, porém, não estou certa disso.

— O que eu acho é que está na hora de ires para as aulas e de teres boas notas — respondo enquanto puxo para cima o fecho do seu casaco amarelo. Dou-lhe um beijo na cabeça.

— Puxa o capuz para cima, porque...

— O calor do corpo sai pela tua cabeça — dizemos ao mesmo tempo, e rimo-nos.

Quando já caminhava no passeio em direção à escola, vira-se e corre de volta para o carro. Olho para o assento para ver do que ela se esqueceu, mas está vazio. Megan encosta o nariz à janela do carro precisamente quando ia descer a janela. A sua respiração deixa uma nuvem de vapor no vidro.

— Mãe, podemos arranjar uma árvore de Natal este fim de semana? Por favor? Ótimo —, diz ela, sem esperar por uma resposta.

— Talvez quando tiveres limpado o teu quarto! — digo sem muita energia, mas ela já corre em direção à escola. Ela acena antes de desaparecer dentro do edifício, levando com ela o que resta do meu coração.

Antes de pôr o carro a trabalhar, as lágrimas ofuscam a minha visão.

A caminho do escritório, atravesso a cidade, deixando para trás as decorações de Natal que oscilam nos postes de iluminação da zona comercial. Quando chego à saída de acesso à autoestrada, sinto vontade de gritar.

Bato no volante e buzino acidentalmente. Um homem de idade, num carro preto, assume a faixa da direita, e eu acelero sob um sentimento de culpa. Agora, sinto-me envergonhada pelos meus atos e pela sensação de pânico que se instalou na nossa casa quando Rick nos deixou.

Estou aterrorizada com a coleção crescente de contas, arrumada fora do alcance da vista na gaveta da cozinha. A companhia de

eletricidade exigiu uma garantia monetária, apesar de sermos clientes há vinte anos. O contrato, claro, estava em nome dele. A maior parte dos credores desconhecia o meu nome, mas agora começam a conhecê-lo.

A minha amiga Kate diz que Rick está em paz. Que está num lugar onde não existe dor, preocupação ou angústia, mas eu imagino Rick muito zangado com Deus. Essa emoção dilacerante também me queima por dentro. Não tenho como explicar aos miúdos porque é que isto aconteceu, porque é que as outras famílias têm pai e a deles não. Não posso dizer-lhes que preferia ter sido eu a morrer porque Rick saberia como ajudá-los a ultrapassar a situação.

Um condutor que mal tem idade para conduzir faz uso da buzina, e dou-me conta de que o meu carro está a deambular sobre o tracejado que separa as duas faixas.

Jo, pelo amor de Deus, presta atenção — digo para comigo, a seguir articulo um «desculpe» em direção ao rapaz, que responde mostrando-me o dedo do meio. Pondero retribuir o gesto, mas o meu coração não está para aí virado. Sinto-me grata por ele ter desviado a minha atenção de volta para a estrada.

Nesta altura, sinto o ar quente que sopra dos orifícios do aquecimento do carro, mas ainda estou a tremer.

O que é que seria dos miúdos se algo me acontecesse?

Ao longo das últimas semanas comecei a ter medo de qualquer dor ou cansaço muscular. Às vezes fico ansiosa só de passear o cão.

— Estás a ser paranoica — digo em voz alta. Percebo, então, que continuo a falar sozinha. Acho que o condutor do camião na faixa da esquerda repara.

— Não sou maluca! — grito em direção à janela. O condutor acelera. — Sim, isso mesmo! Sai do meu caminho.

Por detrás da janela fechada do automóvel sinto alguma ousadia, até que percebo que estou novamente no tal monólogo comigo própria.

Música. Ligo o rádio.

Sintonizo a estação 99.9 FM, com esperança de ouvir algo alegre.

— *Chestnuts roasting on an open fire...*[3] — a voz de Anne Murray enche o carro.

— Não estás a ajudar — digo ao rádio.

Mudo de estação uma e outra vez, até que, três quilómetros depois, o desligo. Todas as canções, mesmo aquelas que nunca tinha ouvido, lembram-me Rick.

É um alívio encontrar vazio o parque de estacionamento em frente ao escritório do *Dayton Daily News*, local onde trabalho. Tiro um lenço do porta-luvas e tento corrigir a maquilhagem dos olhos. Tenho tempo para os fechar e restabelecer-me da viagem, tempo suficiente para os meus olhos recuperarem o aspeto normal e aplicar maquilhagem antes de entrar.

Apesar do caos matinal, sou uma das primeiras pessoas a chegar. Um a um, os meus colegas vão enchendo o escritório. Somos um grupo ocupado, especialmente com a aproximação do feriado, quando todos tentam terminar rapidamente o trabalho e sair para fazer compras de Natal para os entes queridos. Pondero a hipótese de alguém do escritório ter pensado em fazer compras para a minha família este ano e estar por trás da poinsétia. Menciono o mistério do presente matinal, mas ninguém parece interessado, o que me faz suspeitar. Na redação não existe pergunta que fique sem resposta. A minha mente de repórter suspeita imediatamente de que deve existir uma razão para ninguém revelar curiosidade pela minha flor misteriosa. Será que é porque sabem quem a deixou?

Joann Rouse, uma colega repórter, é a última a chegar. Ela tinha gravitado à minha volta durante o funeral de Rick, mantendo-se próxima, oferecendo lenços quando era preciso. Nas semanas que se seguiram, convenceu-me várias vezes a sair do escritório para almoçar, sob o pretexto de pensarmos em ideias para histórias.

---

[3] Verso do clássico de Natal, *The Christmas Song*. [*N. da T.*]

Ela orienta sempre a conversa em torno da minha família. Nunca sei como responder aos seus interrogatórios sobre os miúdos, a casa, como me sinto. Normalmente, a refeição termina em lágrimas, minhas e dela.

Pelo menos, ela preocupa-se o suficiente para perguntar.

Um presente anónimo é algo que poderia vir dela. Observo atentamente a sua reação quando lhe falo da poinsétia.

— Talvez a pessoa que a enviou se revele no Natal — responde ela, carregando no número para aceder ao correio de voz do telefone.

Não é a reação que esperava de uma colega a quem foi apresentado um mistério de Natal.

Ela é repórter.

Nós somos curiosos.

Ela deve estar por detrás daquela flor estúpida — digo para comigo.

Persuadi-la a confessar que deixou o presente exigirá astúcia. Descontraidamente, começo o interrogatório depois de ela desligar o telefone.

— Já começaste a fazer as compras de Natal? — pergunto-lhe.

Joann faz uma careta e revira os olhos.

— Ainda não. Talvez este fim de semana — responde casualmente, olhando de soslaio para o computador enquanto assiste ao seu arranque.

A minha colega de trabalho parece suspeitamente ansiosa para atacar uma história. Ela folheia um bloco de notas, que eu tenho praticamente a certeza de que está em branco. Prossigo com mais uma pergunta.

— Foste ver alguma venda de árvores de Natal na cidade? A Megan tem andado a chatear-me para lhe comprar uma.

A atitude de Joann muda.

— No ponto de venda ao cimo da rua há umas árvores maravilhosas. Fui lá a noite passada para comprar uma grinalda. Tinham as maiores poinsétias que alguma vez vi.

— Poinsétias, a sério? — perguntei. — Porventura compraste alguma para uma colega de trabalho?

Contudo, em vez de confessar, Joann riu-se.

— Jo, desfruta da flor. Não interessa quem a deixou.

Ah, mas interessa. E descobri quem foi.

Confiante de que tinha descoberto a identidade dos nossos «verdadeiros amigos», pus de parte as preocupações com as crianças, bem como todos os pensamentos relacionados com o Natal, para abordar uma notícia sobre o financiamento de uma escola. Durante algumas horas, não sou mãe nem viúva. Abdico desses papéis com gratidão, ainda que seja por apenas algum tempo.

✶ ✶ ✶

Pouco depois das três e meia, os miúdos começam a telefonar. Megan é a primeira. Está em casa e limpou o papel de embrulho encarnado da poinsétia com um pano velho e detergente da louça.

— Parece que foi tingido — informa. — Eu gosto.

— O que é que parece que foi tingido, o embrulho ou o pano? — pergunto-lhe.

— Os dois — responde com risadas. — Tenho escuteiros hoje. Podes ir buscar-me às seis e meia?

Dez minutos depois, tenho Nick ao telefone.

— Treino de luta greco-romana até às sete e meia. Não te esqueças, é no ginásio da escola.

— Lá estarei. Prometo.

Passam quarenta e cinco minutos antes de saber de Ben.

— A Megan disse que vamos comprar uma árvore de Natal este fim de semana. Vou estar ocupado.

— Não sei quando a vamos comprar.

— Não interessa — responde Ben. — Vou estar ocupado todos os fins de semana.

Começo a ficar preocupada, não sei se irei conseguir editar o meu artigo e sair do escritório a tempo de ir buscar os miúdos e preparar o jantar. Consigo finalmente terminar o trabalho às seis e vinte, o que me deixa com dez minutos para fazer uma viagem de meia hora até Bellbrook. Conduzo em direção a casa a uma velocidade bastante maior do que de manhã, a caminho do escritório, contudo começo a entrar em pânico à medida que o tempo passa. Nunca deixei nenhum deles à espera, ao frio.

Megan está à porta da escola com vários amigos quando chego. Está a sorrir. Não sou a última mãe a chegar.

— Olha o que nós fizemos nos escuteiros.

Pendurado num fio vermelho, ela balança um enfeite para a árvore de Natal, construído com cartolina e pauzinhos de madeira: uma poinsétia.

— É para a nossa árvore de Natal — diz Megan, como se fosse preciso que me lembrasse.

A história real de uma família que reencontrou a sua essência, com a ajuda de amigos muito especiais.

Depois da morte inesperada do marido, Joanne sente-se incapaz de retomar a sua vida e de ser o exemplo de força que os seus filhos, Ben, Nick e Megan, precisam mais do que nunca. Com a aproximação da quadra natalícia, tudo parece ainda mais duro de suportar.

Mas, 12 dias antes do Natal, um presente é deixado misteriosamente à porta de casa, acompanhado de um cartão com a assinatura «Os vossos verdadeiros amigos». No dia a seguir, um novo presente, no dia seguinte mais um presente, e assim acontece, até à véspera de Natal.

Estes 12 presentes irão tornar-se uma dádiva de grandeza incomparável e acabam por dar origem a um milagre: a reaproximação entre mãe e filhos e o fortalecimento dos seus laços de amor.

Com oferta de um cartão destacável, para que possa ser um verdadeiro amigo, todos os dias.

Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.nascente.pt

nascente
o curso da sua vida
20|20 editora

ISBN 978-989-668-284-2
9 789896 682842
Memória Inspiracional